



Resumos das Comunicações

Sessão I - Esfera pública digital? Participação política e cívica em rede. [10h00 – 11h30]

Marluci Menezes; Carlos Smaniotta Costa; Konstantinos Ioannidis

“Sinergias entre TIC, práticas sociais, espaço público e desenho urbano. O projeto COST-Action CyberParks-TU 1306”

Apresenta-se o projeto CyberParks cujo principal objetivo é criar uma plataforma de intercâmbios e conhecimentos sobre Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), a produção e as práticas de uso de espaços públicos urbanos e a sua relevância para o desenho urbano através de um processo mais participativo. Explora-se o potencial das TIC como ferramenta metodológica para o apoio à investigação e ao planeamento/desenho urbano. Discutem-se as principais perspectivas delineadas no âmbito das primeiras aproximações realizadas junto de potenciais contextos de estudo. Com base nos avanços conseguidos, debatem-se ainda alguns dos desafios que se colocam no âmbito do gerir os riscos e as potencialidades no recurso as tecnologias da informação e comunicação (TIC), nomeadamente quando consideradas mediadoras ativas da relação entre a produção de conhecimento sobre o uso do espaço público urbano – investigação – e a definição de eixos orientadores de intervenção – planeamento.

Ricardo Campos; José Alberto Simões

“Ativismo digital em Portugal: reflexões e resultados de um estudo exploratório”

Os últimos anos têm sido pródigos no aparecimento de formas novas e inesperadas de mobilização coletiva e ativismo em diferentes zonas do globo. Para além das afinidades existentes entre formas de protesto a nível global, na medida em que parece existir um efeito mimético na propagação de muitos destes eventos de mobilização coletiva, é incontornável que olhemos para as especificidades locais que animam diferentes causas e motivos de luta. Os protestos de 2011 na Tunísia ou no Egipto, o movimento “Occupy” nos EUA ou “Los Indignados” em Espanha, são bons exemplos de eventos globais com repercussões no nosso país. Entre os aspetos inovadores destas novas formas de contestação e mobilização, encontra-se a utilização de equipamentos e media digitais como recursos cruciais para a mobilização política e cívica. Em tempos de crise económica e turbulência social, estas novas ferramentas tecnológicas e meios de comunicação têm-se afigurado particularmente relevantes para exprimir reivindicações e organizar o protesto, favorecendo o surgimento de formas de mobilização informal (leia-se extra-institucional) da ação política e cívica. Estão os meios digitais a alterar as formas “tradicionais” de ativismo político? E se sim, quais as suas características – que configurações particulares assume? Como coabitam formas “tradicionais” com formas “inovadoras” de contestação e participação política e cívica? Este comunicação baseia-se num projeto de natureza exploratória, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e realizado entre fevereiro de 2014 e maio de 2015, que procurou articular o uso dos media digitais com as formas de ativismo e participação pública dos jovens em Portugal. Metodologicamente, este foi um projeto que adotou uma abordagem de

natureza qualitativa, articulando pesquisa online (análise de plataformas digitais) e offline (entrevistas aprofundadas, observação de eventos e recolha documental). A presente comunicação tem por objectivo discutir os resultados principais desta investigação.

Filipe Teixeira Portela;

“Novas formas de participação e mobilização cívica nas redes sociais”

Esta reflexão procura dar um contributo para a compreensão das redes sociais digitais e a participação cívica dos cidadãos. A nossa proposta incide sobre as tecnologias, a rede e suas consequências; a relação das redes sociais e os novos movimentos sociais; as questões éticas das redes sociais digitais; os efeitos da globalização e as redes sociais; alguns problemas relacionados com a liberdade, a privacidade e o controlo nas redes sociais; as redes sociais e os atos eleitorais; entre outros assuntos conexos.

O nosso principal argumento é que as redes sociais digitais alteram as formas e modos de mobilização, intervenção e participação cívica. O novo “espaço” digital possibilita uma nova cultura de participação cidadã. Porém, o espaço urbano (o espaço clássico da mobilização e intervenção cívica) continua a ser relevante para os cidadãos.

Optamos pela estratégia de fazer uma pesquisa avançada sobre o tema, realizar uma leitura exploratória dos resultados da pesquisa e construir uma sondagem geral sobre estudos e reflexões de vários autores sobre os problemas que nos parecem mais pertinentes. Construímos as nossas reflexões críticas partindo desses autores e apresentamos as nossas conclusões. Trata-se de uma proposta essencialmente teórica que se insere no âmbito dos estudos da nossa investigação Doutoral.

Sessão II - Mediações digitais. Experiências culturais e sociais no espaço digital. [11h15 – 13h30]

Vera Borges; Pedro Costa; Margarida Perestrelo

“Trabalhando para construir uma comunidade digital nas artes: O caso do Teatro Maria Matos”

A observação e a análise dos contextos quotidianos de criação teatral e a literatura nacional e internacional produzida sobre a prática artística contemporânea sugerem-nos o estudo de uma das suas tendências evolutivas mais iminente: a forte territorialização, abertura e cumplicidade do teatro e dos artistas com os públicos, mais próximos e socialmente mais diversificados. As práticas artísticas desenvolvidas pelos grupos e equipamentos e as formas de disseminação e divulgação das suas atividades artísticas, nomeadamente as criações e espetáculos de teatro, assentam hoje em redes colaborativas locais embora conectadas com contextos e agentes globais, e fortemente mediadas pelas tecnologias digitais. Tendo como ponto de partida o caso do Teatro Maria Matos, situado em Lisboa, pretendemos: (1) desvendar até que ponto os modelos artísticos, de gestão e divulgação podem concorrer para o mesmo fim, ou seja, a construção de pequenas comunidades nas artes, localmente enraizadas, que ligam teatros, artistas e públicos; (2) de que forma os grupos e equipamentos culturais como o Teatro Maria Matos estão ligados a outras comunidades e experiências artísticas internacionais e se articulam globalmente; (3) como se desenvolve a sua reputação por via da colaboração com estruturas locais (como a Mala Voadora, o Mundo Perfeito, os Praga); (4) como é cultivada a relação

com os públicos e como estes reconhecem a atividade do Teatro Maria Matos. A nossa perspetiva metodológica privilegia o estudo de caso, com recurso a múltiplas fontes - qualitativas e quantitativas - por nós construídas e desenvolvidas nos projetos em curso.

Lina Henriques Rosálio;

“Ensino e aprendizagem a distância: um estudo exploratório sobre opiniões de estudantes do ensino superior”

A revolução tecnológica tem vindo a impulsionar grande parte das transformações visíveis na chamada sociedade liquido-moderna. Inevitavelmente, elas implicam igualmente a mudança da esfera pública da educação no sentido em que esta se constrói também a partir das novas e múltiplas conectividades em rede: interconexão de pessoas, de informação, de comunicação e de interação, independentemente do espaço, tempo ou lugar. Por isso, o ciberespaço, onde se inscreve a educação a distância, torna-se cada vez mais incontornável. Estudantes dotados de competências digitais e com uma participação ativa comunicam agora com seus pares através de formas alternativas que superam a comunidade tradicional, o contato face a face e a sala de aula. São pontos de encontro, de partilha, de colaboração, de troca de experiências, de saberes e de conhecimento baseados na interconexão. Inserido no projeto de investigação intitulado “A Educação a Distância na Pós-graduação em Ciências Sociais e Humanas – Um Estudo Sociológico Sobre as Opiniões e Experiências dos Atores”, o propósito desta comunicação visa apresentar alguns dados empíricos recolhidos através da aplicação de questionário online e de tipo-Likert, especificamente elaborado e validado para o efeito. A análise da informação indica que estes estudantes procuram diversas formas de estabelecer uma comunicação ativa capaz de os sentir integrados na comunidade virtual, contrariando a imagem do estudante solitário e individualista relativamente às estratégias de aprendizagem que utiliza. A distância é vista como uma pronúncia de autonomia emancipatória que lhes permite reordenar relações sociais, significados e experienciar transições a nível pessoal, escolar e profissional.

Ana Diogo; Benedita Portugal e Melo; Manuela Ferreira

“As mães na blogosfera: os exames do 4º ano em tom intimista”

Na blogosfera, a expressão de opinião individual e colectiva não se encontra ainda sujeita a muitas das lógicas organizacionais e rotinas de produção noticiosa que caracterizam os media tradicionais. Os registos discursivos são mais livres e espontâneos, traduzindo, porventura, representações mais próximas das práticas sociais efectivamente realizadas pelos indivíduos. O seu potencial para uma ampla participação dos actores poderá ser, também por isso, mais significativo. Importa saber se os contornos do debate público ali produzidos e as motivações daqueles que nele participam são equivalentes às que se detectam nos media tradicionais.

Nesta comunicação, analisamos os processos comunicacionais que circularam na blogosfera, de 2012 a 2015, a propósito dos exames do 4º ano de escolaridade. Os dados que apresentamos resultam da análise de conteúdo de 159 posts publicados em 50 blogues, a partir de uma pesquisa nos motores de busca Google e Yahoo e Bing, da expressão exames nacionais no 4º ano.

Ao contrário do que sucede nos media tradicionais, os blogues abrangem um leque mais diversificado de intervenientes, registando-se a presença de outros agentes

educativos habitualmente excluídos dos debates públicos sobre educação: os pais e especialmente as mães. Protagonistas de um debate essencialmente genderizado (temáticas, conteúdos, tom e grafismo) e dicotomizado a propósito das vantagens e desvantagens dos exames nacionais do 4º ano, verificamos que as mães, das classes médias, são autoras de blogues que se configuram como verdadeiros diários pessoais. Expressando de forma criativa as suas emoções e pensamentos, estas novas “criadoras culturais” alimentaram a construção de novas formas de sociabilidade feminina e contribuíram para que o debate sobre os exames tenha adquirido contornos inusitadamente intimistas. Deste ponto de vista, a blogosfera parece constituir não só um espaço de participação política como um meio de expressão contemporâneo que possibilita a afirmação identitária e a assunção crítica de modelos educativos.

Susana de Noronha

“Objetos feitos de cancro: mulheres, cultura material e doença nas estórias da arte e da Internet”

Juntando objetos e materialidades que ganham forma e relevo em projetos artísticos referentes à experiência feminina do cancro, propõem-se conceitos alternativos de cultura material e doença. Rejeita-se uma separação entre dimensões materiais e intangíveis na doença, entendendo-se os objetos de cultura material como pedaços de cancro, partes constitutivas das ideias, sensações, emoções e gestos que fazem a experiência do corpo doente. Objetos hospitalares, domésticos e pessoais encastram-se nas experiências do corpo em diagnóstico, internamento, tratamento, reconstrução, remissão, recorrência, metastização e morte. Pretendendo, na definição das coisas, a mesma inseparabilidade que existe na realidade vivida, propõe-se que a doença se desdobra como uma experiência modular e que os objetos existem e agem no cancro como módulos ou realidades encastráveis.

Para compreender a ação, usos e sentidos dos objetos que fazem e são pedaços de cancro(s), o campo de trabalho desta investigação abrange as imagens e os textos de cento e cinquenta projetos artísticos produzidos por/com mulheres que viveram esta experiência. Comenta-se uma seleção de obras provenientes de um espaço maioritariamente europeu e norte americano, atravessando países como os Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra, França, Portugal, Brasil, Nova Zelândia, Austrália ou Israel. Nos lugares da Internet, estórias e ensaios de fotografia, pintura, desenho, colagem, modelagem, escultura e costura servem de terreno narrativo e visual, permitindo-nos encontrar a versão vivida dos encaixes entre cultura material e doença. Carcinomas, sarcomas, linfomas e leucemias, entre pele, sangue, carne, gordura e osso, em narizes, tiroides, pescoços, costas, mamas, pulmões, fígado, ovários, úteros, cólon, ancas e pernas, fazem a soma das experiências que dão corpo a este texto. Tocar a continuidade entre objetos e cancros, juntando saberes do corpo, da arte e da antropologia, assenta numa abordagem teórica e metodológica onde ensaio o potencial explicativo daquilo a que chamo a “terceira metade das coisas e do conhecimento”.

Debate - Reconstruir a cultura e a política na era da comunicação digital. [14h30 – 16h00]

José Luís Garcia [Instituto de Ciências Sociais –Universidade de Lisboa]

"Web, expansão do digital e nova economia política da informação"

A Internet, tal como funciona actualmente, emerge na década de 1990, e a WWW, na sua modalidade ubíqua, em 2002. Mesmo tendo em conta uma certa discricionariedade na cronologia, trata-se de fenómenos bem recentes, embora tão plenamente incorporados no quotidiano que se “naturalizaram” tanto como qualquer outro fenómeno tecnológico da economia pré-digital.

Não obstante esta escala temporal ainda breve, toda uma longa lista de hipóteses ou de teses de grande escopo, têm sido formuladas sobre as mudanças induzidas ou co-determinadas pela sua expansão global, ou abrindo novos horizontes de potenciação da acção colectiva, que não respeitam circunstâncias prévias de desenvolvimento socio-económico. Mudanças na vida social quotidiana, nos modos de convivência e conflito, na economia informacional, na ciência (na pesquisa científica no sentido estrito, na comunicação científica, na “citizen science”), na educação, nas artes, no sistema judicial, nos modos de lidar com o ambiente.

Mudanças na vida cívica e política urbana, das flash mobs até as supostas e-revoluções, do e-government e da sociedade civil, ou possivelmente gerando perspectivas de uma “connected society” e uma nova configuração de políticas públicas. E o surgimento de uma variante, ou uma nova época, do individualismo institucionalizado no Ocidente – o “individualismo reticular” (“network individualism”). No quadro do novo capitalismo informacional, a informação e a cultura tendem a ser subtraídas do estatuto de bem social, para serem consideradas como mercadoria, que amalgama aspectos simbólicos e económicos.

As políticas industriais ligadas à comunicação e à cultura apresentam-se subordinadas aos imperativos mercantis da gestão lucrativa. Tal exacerba a tensão entre a procura do lucro e a necessidade de as sociedades contarem com um sistema de informação que sirva adequadamente o espaço político democrático.

O caso português tem muita pertinência, devido à rapidez com que essas inovações tecnológicas se difundiram tão extensamente.

Vania Baldi [Universidade de Aveiro]

"Entre Pop Apps e Smart Utopias: se as soluções ignoram os problemas"

Querer investigar o mundo da cultura digital significa entrar num campo de batalha económico e político fortemente polarizado e fragmentado. Num jogo de luzes e sombras, de promessas cumpridas e desiludidas, de utopias e distopias que foram desafiando a inovação de serviços telemáticos e foram criando novos cenários sociais: no âmbito da formação, da reorganização laboral, das práticas de cidadania e dos sistemas governamentais, dos processos económicos, das relações de produção cultural e artística, das novas gramáticas da afetividade e da mobilidade.

Neste cenário, a emergência do uso das tecnologias de informação e comunicação em rede, em particular a internet e a miríada de serviços nela suportados, foi acompanhada de um consenso geral e difuso sobre a redentora revolução social, política, económica e cultural a ela associada. A extraordinária inovação foi associada automaticamente a um upgrade antropológico e moral.

Contudo, passadas mais de duas décadas dos primeiros estudos focados na incipiente “mudança de paradigma”, começam a emergir e analisar-se algumas questões éticas e estéticas problemáticas, como também alguns efeitos ambíguos trazidos por esta revolução. É certo que esta dinâmica ainda está em curso, e a rapidez das mudanças que ininterruptamente leva consigo é uma das suas implicações que mais tornam complexo perspetivar uma teoria bem fundamentada. Essa teoria, para não ser uma mera descrição da rápida sequência de novidades, deve aceitar/enfrentar o risco do objeto de estudo se eclipsar ou metamorfosear antes mesmo que o estudo termine. Este, de fato, é um outro desafio para o processo de análise crítica do fenómeno em curso, mas nem por isso deixa de ser possível e plausível assinalar tendências e estruturas fixadas e sedimentadas no fundo da sua superfície.

Sem deixar de considerar as tendências e os movimentos emergentes que atravessam a cultura digital, é preciso afastar-se um momento da corrente vertiginosa do brilho tecnológico para entender em que sentido, até agora, esta preconizada revolução digital cumpriu, ou não, o seu sonho emancipatório.

De facto, em muitos casos, as promissoras potencialidades socialmente projetadas na tecnologia informática ficaram potencialidades sem efetivações. É forte a sensação de se terem promovido mais respostas tecnológicas que perguntas sociais, de se terem idolatrado os meios sem questionar os fins, de se ter pedido à tecnologia a resolução de problemas sociais, que a sociedade não foi capaz de resolver.

Nesse sentido, nos últimos anos, antes que rebentassem os casos de Julian Assange Edward Snowden, já se tinham começado a levantar algumas vozes para a necessidade de uma teoria crítica da rede, uma “microfísica do poder informacional” capaz de resgatar as nossas vidas do subdolo abraço das media company. Também as mídias digitais adquiriram características de homologação e de massa, e uma vez que também os movimentos sociais e os ativistas atafalharam plataformas como Twitter e Facebook, transformados em provider de identidade digital para entrar na Web, os efeitos distópicos confirmaram-se.

Trata-se de compreender quais os novos desafios políticos e culturais presentes na sociedade em rede, quais as “formas de vida” on-line, verificar a trama das relações sociotécnicas existentes e predominantes no seu seio, analisando as condições que permitem desencadear processos de real abertura e integração cultural e, simultaneamente, aquelas que proporcionam restrições, ideologias e novas ignorâncias.

Trata-se, enfim, de verificar as hipóteses viáveis para resgatar aquela dimensão criativa e socialmente inovadora e dialógica com a qual a Web se apresentou na sua origem, para contrastar a tendência da sua privatização e padronização que até o seu fundador Tim Berners-Lee denunciou repetidamente durante a celebração do seu último aniversário.

Manuel Portela [Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra]

“O Arquivo Digital do Livro do Desassossego como Performance Literária”

Tornar uma rede complexa de materiais literários acessíveis e inteligíveis a não-especialistas é um desafio para os investigadores que desenvolvem arquivos digitais. Apesar do seu grande valor como espaços mediais de ensino e investigação, muitos projetos digitais permanecem confinados à comunidade de especialistas.

No arquivo digital dedicado ao Livro do Desassossego de Fernando Pessoa (Arquivo LdoD, <http://ldod.uc.pt>, a publicar em 2016) experimentámos ferramentas e conceitos da Web 2.0 na construção de uma edição social da obra, na qual especialistas e utilizadores comuns participam na criação e publicação de novas versões do livro. Dentro deste espaço

simulatório de leitura, edição e escrita, os utilizadores são convidados a manipular o Livro do Desassossego assumindo diferentes papéis literários.

Nesta comunicação pretendo mostrar como a lógica simulatória e performativa do Arquivo LdoD constitui uma forma de repensar as estruturas bibliográficas e a experiência literária na cultura digital.

Sessão III - Cultura e meio digital. Novas economias políticas da cultura. [16h15 – 18h00]

Teresa Duarte Martinho

“O digital na política para a cultura em Portugal: contributos para o conhecimento da génese de um discurso”

A investigação das políticas culturais em Portugal permite detectar um crescente interesse, nas últimas duas décadas, pela promoção da digitalização dos bens culturais e artísticos. Este conjuga finalidades tradicionalmente declaradas, como a defesa do livre acesso à cultura, com intenções mais recentemente enunciadas, como o apoio às indústrias criativas e ao cruzamento entre cultura e economia. O principal objetivo da nossa apresentação é facultar um contributo para a história do discurso sobre o digital nas políticas culturais em Portugal, com base num estudo em curso. O nosso objetivo é identificar i) em que circunstâncias e enquadramentos emerge o interesse pela digitalização nas políticas públicas para o sector cultural; ii) quais os argumentos e princípios em que assenta e que articulações se descortinam com outros sectores de governação; iii) quais as principais iniciativas e programas de responsabilidade estatal que têm consubstanciado o interesse pela digitalização em diferentes áreas culturais; iv) que relações se verificam com as políticas e as iniciativas da União Europeia; v) que problemas, riscos e dilemas se colocam no trabalho de digitalização, em particular no caso da criação e da manutenção de arquivos e bibliotecas digitais. Em termos metodológicos, este trabalho baseia-se fundamentalmente na análise documental de fontes nacionais e internacionais, que se afiguram centrais na compreensão do processo em estudo, desde programas governamentais a Livros Verdes e Livros Brancos sobre a ‘sociedade da informação’, passando por propostas programáticas dos partidos políticos no referente a estas matérias.

Tânia Moreira; Pedro Quintela; Paula Guerra

“Punk Online. Punk Offline. Espaços e tempos cruzados das (sub) culturas juvenis portuguesas”

Qual é a geografia do punk? Como é que o enquadramento global do punk se articula com as suas várias manifestações locais? Trata-se de um verdadeiro movimento transnacional ou existem tantas cenas punk como as configurações nacionais que pode assumir? Este capítulo aborda estas questões considerando a cena punk portuguesa. A nossa análise baseia-se em (i) 70 entrevistas aos protagonistas do punk português, (ii) uma base de dados de bandas, registos fonográficos e canções, e (iii) uma base de dados de fanzines. Consideramos, primeiro, o balanço entre as influências internacionais na cena portuguesa e as suas características específicas. De seguida, o significado do global é redefinido tendo em conta as novas tecnologias da informação e da comunicação. Do mesmo modo, a natureza local da cena é repensada através da identificação de subcenas estabelecidas em diferentes localidades dentro do país, apresentando os sentimentos expressos pelos atores-chave do punk face à sociedade portuguesa. Finalmente, exploramos as dialéticas entre a dimensão global da cultura punk e o sentido de comunidade que inspira os seus

membros, para concluir que a múltipla ancoragem do punk – simultaneamente nacional e internacional, local e global, macro e micro – é particularmente relevante para a sua capacidade de sobreviver e de se disseminar.

José Pedro Arruda

“A fusão dos espaços públicos e privados no novo paradigma comunicacional”

Desde o aparecimento da televisão, as formas de os públicos se relacionarem com os meios de comunicação social, e com os seus respetivos aparelhos tecnológicos, têm vindo a sofrer profundas transformações. De um fenómeno eminentemente público, que acontecia em cafés e outros estabelecimentos partilhados comunitariamente, o consumo televisivo foi progressivamente invadindo o espaço doméstico e familiar. A integração da TV nos lares contribuiu para a redefinição das fronteiras entre o espaço público e o privado, trazendo para o interior do espaço doméstico assuntos do foro público, ao mesmo tempo que permitia aos seus habitantes reformularem as suas noções de mundividência e cosmopolitismo.

Nas últimas décadas, com o aparecimento e difusão da internet, assim como pela forte expansão de novos dispositivos de comunicação de uso individual, verifica-se uma certa inversão do paradigma da “domesticação”. Na era digital, cada vez mais o espaço público encontra-se colonizado por micro-espaços privados, pontuando os lugares anteriormente comunitários e favorecendo o aparecimento de novos coletivos. A mobilidade e a fluidez são características intrínsecas destes novos lugares privados, embora seja a materialidade de alguns objetos tecnológicos a possibilitar estas transformações. A própria televisão tem vindo a transformar-se, adaptando-se a novos gadgets e expandindo-se por outras plataformas.

Neste novo paradigma, será importante redefinir o conceito de “ver televisão”, de maneira a compreender as novas formas como os públicos se envolvem com a realidade televisiva. Um dos aspetos mais preponderantes destas transformações prende-se com a fusão dos espaços públicos e privados, que acontecem pelo menos em duas dimensões: uma essencialmente tecnológica, derivada dos usos e funções que os públicos atribuem aos objetos técnicos; outra sobretudo intelectual, que ocorre pelos constantes cruzamentos de informação e mundos imaginários, permitidos pelos novos media e pelas transformações na forma de utilizar os media tradicionais.

Pedro Jorge; Pedro Calado

“A cartografia social da sociedade em rede”

O presente trabalho insere-se como tentativa explanatória cartográfica do que Manuel Castells entende como o “principal factor de viragem da cultura do séc. XXI” e como conseqüente entendimento dos processos sociais globais e locais cujo desenvolvimento fez emergir uma nova estrutura social – Sociedade em Rede – criadora de uma nova economia – capitalismo informacional-global – que conecta e desconecta localidades de acordo com a sua importância económica e valor tecnológico. De acordo com o resumo, o artigo centrará a sua análise na construção e desconstrução de novas paisagens sociais, políticas e económicas resultantes da nova dinâmica societal em rede. Serão estas mesmas “novas paisagens” e estas novas formas de sociabilidade que são assumidas como centro da apresentação proposta.

Lista de Oradores e Notas Biográficas



Ana Diogo

Sessão II - Mediações digitais. Experiências culturais e sociais no espaço digital. [11h15 – 13h30] | “As mães na blogosfera: os exames do 4º ano em tom intimista”

Doutorada em Sociologia da Educação, professora auxiliar na Universidade dos Açores e investigadora no Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CISCS.NOVA). Departamento de Ciências da Educação, Campus de Ponta Delgada, Apartado 1422, 9501-801 Ponta Delgada. adiogo@uac.pt.

Benedita Portugal e Melo

Sessão II - Mediações digitais. Experiências culturais e sociais no espaço digital. [11h15 – 13h30] | “As mães na blogosfera: os exames do 4º ano em tom intimista”

Doutorada em Sociologia da Educação, Cultura e Comunicação, professora auxiliar no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e investigadora na Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Educação e Formação (UIDEF). Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, Alameda da Universidade, 1649-013 Lisboa. mbmelo@ie.ulisboa.pt.

Carlos Smaniotto Costa

Sessão I - Esfera pública digital? Participação política e cívica em rede. [10h00 – 11h30] | “Sinergias entre TIC, práticas sociais, espaço público e desenho urbano. O projeto COST-Action CyberParks-TU 1306”

Arquiteto Paisagista, Universidade Lusófona - Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED), Lisboa, smaniotto.costa@ulusofona.pt. (PhD) is Landscape Architect and Environmental Planner, graduated at the University of Hanover/Germany. He worked in different planning offices in the fields of design of urban environment, open space planning, and urban development projects in Germany, Italy, and Brazil. He is professor of Landscape and Urban Ecology in Masters and PhD programmes in Urban Planning at the Lusófona University in Lisbon/Portugal and member of its Centre for Research on Socio-Development and Urbanism, where he is the coordinator of the research unit on Natural Environment and Urban Landscape. He has several publications in professional journals in Portuguese, German, English, and Italian. He is the chair of the COST Action CyberParks (TU 1306).

Filipe Teixeira Portela

Sessão I - Esfera pública digital? Participação política e cívica em rede. [10h00 – 11h30] | “Novas formas de participação e mobilização cívica nas redes sociais”

Licenciado em História, Mestre em Gestão de Sistemas de e-Learning pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e doutorando no Departamento de Ciências Sociais e Gestão da Universidade Aberta no programa doutoral de Relações Interculturais. Alguns dos temas do seu interesse estão relacionados com a interculturalidade, movimentos sociais e tecnologias. Desenvolve uma investigação cujo enfoque principal se enquadra num quadro paradigmático das dinâmicas interculturais e tecnologias. Em particular, estuda a influência e de que modos

se relacionam as tecnologias da comunicação e informação e as novas formas de mobilização e intervenção cívicas.

José Alberto Simões

Sessão I - Esfera pública digital? Participação política e cívica em rede. [10h00 – 11h30] | “Ativismo digital em Portugal: reflexões e resultados de um estudo exploratório”

É doutorado em Sociologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL). Actualmente é Professor Auxiliar no Departamento de Sociologia da FCSH-UNL e investigador integrado do CICSNOVA (FCSH-UNL). Tem pesquisado nas áreas da sociologia da cultura, juventude e comunicação. Publicou, como co-organizador, “A produção das mobilidades: redes, espacialidades e trajectos” (com Renato M. do Carmo, Imprensa de Ciências Sociais, 2009) e “Crianças e internet em Portugal” (com Cristina Ponte, Ana Jorge e Daniel Cardoso, MinervaCoimbra, 2012) e, como autor, “Entre a rua e a internet. Um estudo sobre o hip-hop português” (Imprensa de Ciências Sociais, 2010). Foi Investigador Responsável pelo projecto “Networked youth activism: digital media, social movements and participatory culture among young activists” (2014-15), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

José Luís Garcia [Instituto de Ciências Sociais –Universidade de Lisboa]

Debate - Reconstruir a cultura e a política na era da comunicação digital. [14h30 – 16h00] | “Web, expansão do digital e nova economia política da informação”

Doutor em Sociologia pela Universidade de Lisboa e Investigador Principal do quadro do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL). Tem leccionado em várias universidades portuguesas e estrangeiras e conta com posições de visitante na Universidade do Iowa, Universidade de São Paulo e Universidade Estadual Paulista. A sua bibliografia mais recente inclui *La Contribution en ligne: Pratiques participatives à l'ère du capitalisme informationnel* (co-editor com S. Proulx e L.Heaton), Quebec: Presses de l'Université du Québec, 2014; *Jacques Ellul and the Technological Society in the 21st Century* (co-editor com H. M. Jerónimo e C. Mitcham), Nova Iorque, Springer, 2013; *Estudos sobre os jornalistas portugueses: Metamorfoses e encruzilhadas no limiar do século XXI*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2009, *Razão, Tempo e Tecnologia: Estudos em Homenagem a Hermínio Martins* (co-editor com M. V. Cabral e H.M. Jerónimo), Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais. Co-editor com D. Fernández-Quijadas do número especial “Comparing Media Systems in the Iberian Peninsula”, *The International Journal of Iberian Studies* (2013). Recentemente coordenou a investigação “Mapear os Recursos, levantamento da legislação, caracterização dos actores, comparação internacional”, integrada no Plano de Estudos sobre a cultura promovido pelo SEC e conduzida institucionalmente pelo ICS-UL. É ainda autor de dezenas de artigos e capítulos de livros e colaborador das revistas *Journal of Risk Research*, *Análise Social*, *Revista Española de Sociología*, *Revista Iberoamericana de Ciência, Tecnologia y Sociedad*, *Scientiae Studia: Revista Latino-Americana de Filosofia e História da Ciência*, entre outras. Foi Presidente do Observatório das Actividades Culturais (OAC) entre 2009 e 2013.

José Pedro Arruda

Sessão III - Cultura e meio digital. Novas economias políticas da cultura. [16h15 – 18h00] | “A fusão dos espaços públicos e privados no novo paradigma comunicacional”

Licenciado em Antropologia e Doutor em Sociologia, pela Universidade de Coimbra. O seu percurso académico focou-se principalmente na comunicação mediada pela televisão, partindo da perspetiva das ciências sociais. Esse empreendimento ficou plasmado na Tese de Doutoramento intitulada “A Televisão em Ação. O processo comunicacional mediado como elemento estruturante de mundos coletivos”, apresentada à Universidade de Coimbra em março de 2015.

Konstantinos Ioannidis,

Sessão I - Esfera pública digital? Participação política e cívica em rede. [10h00 – 11h30] | “Sinergias entre TIC, práticas sociais, espaço público e desenho urbano. O projeto COST-Action CyberParks-TU 1306”

Arquiteto, School of Architecture, Aristotle University of Thessaloniki, Thessaloniki, Greece, kioannidis@arch.auth.gr. Assistant professor at the Aristotle University of Thessaloniki, Greece, is an architect, writer and practitioner. He has participated in conferences and workshops in Europe, Canada, USA, South Korea and Japan and his research work has been published in various international journals. His main area of research is the study of the syntactic and configurative concepts within generative systems for the process and thinking of architectural design and the interaction between different symbolic means in the production of the spatial form. He is the co-founder of the Norwegian studio "aaiko arkitekter", an Oslo-based award winning architecture practice with interest in projects that escape from the comfort of normative. Their design projects have been presented in architectural exhibitions in Greece and Scandinavia.

Lina Henriques Rosálio

Sessão II - Mediações digitais. Experiências culturais e sociais no espaço digital. [11h15 – 13h30] | “Ensino e aprendizagem a distância: um estudo exploratório sobre opiniões de estudantes do ensino superior”

Lina Manuela Lopes Henriques Rosálio, nasceu em Leiria em 1968. Licenciou-se em Educação Social (17 valores) na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, (2008-2011). Realizou o 1º ano curricular do mestrado em Ciências da Educação, (2013-2014), área de Especialização em Sociologia da Educação e Políticas Educativas, no Instituto de Educação da Universidade do Minho. Atualmente desenvolve o projeto de investigação “A Educação a Distância na Pós-graduação em Ciências Sociais e Humanas – Um Estudo Sociológico sobre as Opiniões e Experiências dos Atores”, inserido neste mestrado e sob a orientação do Professor Doutor Almerindo Janela Afonso, da Universidade do Minho. É associada da Sociedade Portuguesa das Ciências da Educação.

Manuel Portela [Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra]

Debate - Reconstruir a cultura e a política na era da comunicação digital. [14h30 – 16h00] | “O Arquivo Digital do Livro do Desassossego como Performance Literária”

Professor no Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde dirige o Curso de Doutoramento FCT “Estudos Avançados em Materialidades da Literatura”. É membro do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, sendo o investigador responsável pelo projeto ‘Nenhum Problema Tem Solução: Um Arquivo Digital do Livro do Desassossego’ (2012-

2015). Na última década e meia tem investigado a digitalização da literatura, tendo criado diversos programas no domínio das humanidades digitais. O seu último livro intitula-se *Scripting Reading Motions: The Book and the Computer as Self-Reflexive Machines* (MIT Press, 2013).

Manuela Ferreira

Sessão II - Mediações digitais. Experiências culturais e sociais no espaço digital. [11h15 – 13h30] | “As mães na blogosfera: os exames do 4º ano em tom intimista”

Doutorada em Ciências da Educação, professora associada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e investigadora no Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE/FPCE). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, R. Alfredo Allen, 4200-135 Porto. manuela@fpce.up.pt.

Margarida Perestrelo

Sessão II - Mediações digitais. Experiências culturais e sociais no espaço digital. [11h15 – 13h30] | “Trabalhando para construir uma comunidade digital nas artes: O caso do Teatro Maria Matos”

Marluci Menezes

Sessão I - Esfera pública digital? Participação política e cívica em rede. [10h00 – 11h30] | “Sinergias entre TIC, práticas sociais, espaço público e desenho urbano. O projeto COST-Action CyberParks-TU 1306”

Antropóloga, Investigadora do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), Lisboa, marluci@lnec.pt . Geógrafa, Mestre e Doutora em Antropologia, Investigadora do LNEC, onde desde 1991 estuda as culturas urbanas de uso e apropriação do espaço, de conservação do património e de reabilitação urbana. Foi Coordenadora do Núcleo de Ecologia Social/LNEC (maio 2009/2013), Professora convidada no Instituto de Pesquisa e Tecnologia/IPT – São Paulo (2010) e na UNICAEN/Baixa Normandia (2012). Na área da intervenção socio-urbanística, coordenou o Apoio Técnico-Metodológico ao Projeto Velhos Guetos, Novas Centralidades (fundos EFTA). Presentemente estuda as questões socioculturais associadas ao uso e conservação de recursos, às dinâmicas de adaptação aos processos de transformação urbana, e à relação entre património material e imaterial na conservação do património arquitetónico.

Paula Guerra

Sessão III - Cultura e meio digital. Novas economias políticas da cultura. [16h15 – 18h00] | “Punk Online. Punk Offline. Espaços e tempos cruzados das (sub) culturas juvenis portuguesas”

Doutorada em sociologia pela Universidade do Porto, é professora na Faculdade de Letras e investigadora do Instituto de Sociologia da mesma universidade. Coordena e participa em vários projetos de investigação nacionais e internacionais, no âmbito das culturas juvenis e da sociologia da arte e da cultura. Publicou recentemente o livro *A instável leveza do rock* (Porto: Afrontamento, 2013) e é autora de artigos publicados em revistas como *Critical Arts*, *European Journal of Cultural Studies*, *Sociologia – Problemas e Práticas* ou *Revista Crítica de Ciências Sociais*.
pguerra@letras.up.pt/paula.kismif@gmail.com

Pedro Calado

Sessão III - Cultura e meio digital. *Novas economias políticas da cultura. [16h15 – 18h00]* | "A cartografia social da sociedade em rede"

Licenciado em Sociologia pela FCSH/NOVA. Pós-graduando em Gestão e Curadoria da Informação (FCSH/NOVA), pedroagdcaldado@gmail.com

Pedro Costa

Sessão II - Mediações digitais. *Experiências culturais e sociais no espaço digital. [11h15 – 13h30]* | "Trabalhando para construir uma comunidade digital nas artes: O caso do Teatro Maria Matos"

Pedro Jorge

Sessão III - Cultura e meio digital. *Novas economias políticas da cultura. [16h15 – 18h00]* | "A cartografia social da sociedade em rede"

Licenciatura em Sociologia pela FCSH/NOVA. Mestrando em Estudos Urbanos (Parceria FCSH/NOVA & ISCTE/IUL), pedro.milamber@gmail.com

Pedro Quintela

Sessão III - Cultura e meio digital. *Novas economias políticas da cultura. [16h15 – 18h00]* | "Punk Online. Punk Offline. Espaços e tempos cruzados das (sub) culturas juvenis portuguesas"

Licenciado em Sociologia pelo ISCTE-IUL, mestre em Sociologia – Cidades e Culturas Urbanas pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC). Atualmente, desenvolve o seu projeto de doutoramento em Sociologia na FEUC, contando com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Quadro permanente da Quaternaire Portugal, SA onde, desde setembro de 2006, integra a equipa que desenvolve estudos nas áreas dos projetos e políticas culturais, planeamento estratégico, projetos e políticas urbanas, entre outras. Os seus interesses de investigação académica centram-se em diferentes domínios relacionados com as cidades, políticas culturais, culturas urbanas e economia cultural e criativa. pedroquintela@ces.uc.pt

Ricardo Campos

Sessão I - *Esfera pública digital? Participação política e cívica em rede. [10h00 – 11h30]* | "Ativismo digital em Portugal: reflexões e resultados de um estudo exploratório"

É bolseiro de pós-doutoramento no CICSNOVA (FCSH-UNL). É co-editor da revista internacional *Cadernos de Arte & Antropologia*, co-fundador e co-coordenador da Rede Luso-Brasileira de pesquisa em Artes e Intervenções Urbanas. Tem realizado pesquisa em torno das temáticas das culturas juvenis urbanas, da arte urbana, dos media digitais, da antropologia visual e da cultura visual, tendo diversos capítulos de livros e artigos em revistas nacionais e internacionais sobre estes temas. É autor das obras "Introdução à cultura Visual. Abordagens teóricas e metodológicas" (Mundos Sociais, 2013), "Porque pintamos a cidade? Uma abordagem etnográfica ao graffiti urbano" (Fim de Século, 2010) e co-organizador dos livros "Uma cidade de Imagens" (com Andrea Mubi Brighenti e Luciano Spinelli, Mundos Sociais, 2011), "Popular & Visual Culture: Design, Circulation and Consumption" (com Clara Sarmiento, Cambridge Scholars Publishing, 2014) e "Transglobal Sounds. Music, indentity and migrant descendants" (com João Sardinha, Bloomsbury Academic Publishing, no prelo).

Susana de Noronha

Sessão II - Mediações digitais. Experiências culturais e sociais no espaço digital. [11h15 – 13h30] | “Objetos feitos de cancro: mulheres, cultura material e doença nas estórias da arte e da Internet”

É antropóloga e investigadora de pós-doutoramento do Centro de Estudos Sociais (CES-UC), mestre e doutorada com distinção e louvor em sociologia da cultura pela Universidade de Coimbra. É autora do livro premiado - A Tinta, a Mariposa e a Metástase: a arte como experiência, conhecimento e ação sobre o cancro de mama, publicado em 2009 pelas Edições Afrontamento. A publicação do seu segundo livro, Objetos Feitos de Cancro: mulheres, cultura material e doença nas estórias da arte, aconteceu em 2015 com o selo das Edições Almedina. Dando uso às propostas teóricas do seu doutoramento, encontra-se a finalizar a terceira parte de uma trilogia de investigação em torno da indivisibilidade entre arte, cultura material e doença oncológica, o seu campo de trabalho desde 2005. É bolseira de investigação de pós-doutoramento da Fundação Para a Ciência e a Tecnologia na área de sociologia da cultura, dando seguimento ao financiamento obtido nos projetos de mestrado e doutoramento. Em 2007 venceu em ex aequo o “Prémio CES Para Jovens Cientistas Sociais de Língua Oficial Portuguesa” e em 2003 o “Prémio Bernardino Machado” de Antropologia para o aluno com a classificação final mais elevada na licenciatura da Universidade de Coimbra. É também letrista dos projetos “At Freddy’s House” e “Pyroscaphe”, com trabalho publicado em três álbuns, um EP, dois singles e quatro coletâneas: 09 Roads (2015), À Sombra de Deus Vol. IV (2012), Lock Full Version (2010), 3Pistas Vol.2 (2009), Lock (2009), Novos Talentos FNAC (2009), Undergod/Underdog (2009) e Acorda! Primeira Compilação de Nova Música Portuguesa em mp3 (2006).

Tânia Moreira

Sessão III - Cultura e meio digital. Novas economias políticas da cultura. [16h15 – 18h00] | “Punk Online. Punk Offline. Espaços e tempos cruzados das (sub) culturas juvenis portuguesas”

Mestre em sociologia pela Universidade do Porto, é bolseira de investigação no projeto Keep It Simple, Make It Fast! (PTDC/CS-SOC/118830/2010) na Faculdade de Letras da mesma universidade. Participa em vários projectos nacionais e internacionais, no âmbito das culturas juvenis, das cenas musicais e da sociologia da arte e da cultura. Participa na organização de eventos internacionais tais como a KISMIF Conference 2014 e 2015. tmoreira@letras.up.pt/taniamoreira@gmail.com

Teresa Duarte Martinho

Sessão III - Cultura e meio digital. Novas economias políticas da cultura. [16h15 – 18h00] | “O digital na política para a cultura em Portugal: contributos para o conhecimento da génese de um discurso”

Investigadora de pós-doutoramento no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa), com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Licenciada em Sociologia pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), onde também obteve o grau de mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação. Mestre em Estudos Curatoriais, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. Doutorada em Sociologia pelo ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa. Entre 1996 e 2011, integrou a equipa de investigadores do Observatório das Actividades Culturais (OAC), criado por iniciativa do Ministério da Cultura, em associação com o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e o Instituto Nacional de Estatística (INE). Aqui

participou em diversos projectos de investigação e em variadas actividades correlacionadas, do desenho de metodologias de investigação à redacção de livros, artigos e relatórios. Jornalista entre 1990 e 1996, com trabalho focado nos sectores da cultura e das artes.

Vania Baldi [Universidade de Aveiro]

Debate - Reconstruir a cultura e a política na era da comunicação digital. [14h30 – 16h00] | "Entre Pop Apps e Smart Utopias: se as soluções ignoram os problemas"

Prof Auxiliar na Universidade de Aveiro, investigador do DigiMedia (polo de Aveiro do CIC.Digital), editou recentemente os livros "A insustentável leveza da Web: retóricas, dissonâncias e práticas digitais" (EDUFBA, Bahia), "Europeus em busca da Europa: a emergência da consciência europeia nas novas gerações" (Afrontamentos, Porto) e organizou o número especial da revista Prisma.com "Pesquisa e Formação no Território Hipermediatizado". Foi visiting professor no México, Brasil e Itália e realizou o seu pós-doutoramento no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

Vera Borges

Sessão II - Mediações digitais. Experiências culturais e sociais no espaço digital. [11h15 – 13h30] | "Trabalhando para construir uma comunidade digital nas artes: O caso do Teatro Maria Matos"

É investigadora de pós-doutoramento no DINÂMIA'CET, Instituto Universitário de Lisboa, e Investigadora Associada no ICS, Universidade de Lisboa. É doutorada em Sociologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales. A tese foi dirigida por Pierre-Michel Menger e analisava a profissão de ator e as organizações no mercado teatral. Ultimamente, tem trabalhado sobre a reputação, o mercado e o território: entre o teatro e a arquitetura. Entre várias publicações destacam-se os artigos nas Revistas PJSS, Análise Social, Sociologia, Problemas e Práticas, Sociologie de l'Art e os livros Todos ao Palco! (Celta, 2001), O Mundo do Teatro em Portugal (ICS, 2007), Comédiens et troupes de théâtre au Portugal (Harmattan, 2009), Profissão e Vocação (em co-autoria, ICS, 2010); Criatividade e Instituições: Novos desafios à vida dos artistas e profissionais da cultura (em co-autoria, ICS, 2012).